

PETER  
EVANS  
&  
ORQUESTRA  
JAZZ DE  
MATOSINHOS

PERCEPTION  
BEYOND  
KNOWING

28 NOV 2018

QUA 21:00

Grande Auditório

M/6

# O contradesafio

Se imaginarmos os músicos da Orquestra Jazz de Matosinhos sem instrumentos nas mãos, vê-los-íamos provavelmente a estender os braços em múltiplos sentidos, agarrando tudo o que valesse a pena integrar na sua expressão artística. Tem sido assim, cada vez mais, o percurso deste ensemble ambicioso, que ouvimos desde há muito a tocar a música original dos seus diretores e de outros compositores portugueses, como das figuras mais emblemáticas da música moderna para *big band*, como também dos clássicos desde os tempos do *swing*. Seja ao lado de grandes solistas de dimensão internacional, seja apoiando os novos talentos do jazz nacional, seja mesmo repartindo o palco com agrupamentos de música clássica, a OJM afirma-se sucessivamente como uma orquestra de jazz realmente completa.

Vem esta introdução ao caso porque, na verdade, nem todos os terrenos são já familiares à OJM. O campo da improvisação mais livre tal como se apresenta nos dias de hoje, fundindo a sua associação às texturas e estruturas da música erudita contemporânea com as heranças *bop* e *pós-bop*, é motivo para chamar uma figura fundamental do jazz atual: Peter Evans, trompetista norte-americano de 37 anos. O projeto foi originalmente concebido pela OJM, o que é por si só um desafio acrescido. Não há um plano delineado para o concerto, como quando os grandes solistas trazem as partituras já pré-concebidas para serem acompanhados por múltiplas orquestras pelo mundo fora. Não é essa a natureza da OJM. Aqui, o desafio é lançado pela *big band*, que assume as suas consequências – neste caso, o contradesafio de criar arranjos para um conjunto de composições nascidas em contextos bem diversos e se preparar para a sua desconstrução em pleno palco. Com pouco mais de uma mão cheia de composições saídas da manga de Peter Evans, além da visita a um *standard* de Billy Eckstein (*I Want To Talk To You*, uma vénia talvez à espirituosa versão de Coltrane), o trabalho de arranjar esta música e de a levar ao palco tem um traço distintivo a que a OJM nos tem habituado – tudo é feito com profundo respeito pela linguagem do músico convidado, levando a *big band* até ele sem nenhuma intenção de o fazer sair da sua casa sonora. A linguagem de Peter Evans, em si mesma, é um desafio para quem julgava conhecer o trompete que por ele é levado a novos patamares expressivos. Com um domínio superior de todos os registos e de técnicas como a respiração circular e os multifónicos, intercala o som

tradicional do instrumento com timbres inauditos – não é por acaso que as grandes referências de Evans em certos contextos, como o trio, são precisamente saxofonistas (e menos trompetistas) que levaram longe o universo de possibilidades do instrumento. Sonny Rollings é um deles, e outro é Evan Parker, figura tutelar do mundo em que Evans se move. O próprio Evan Parker fala de Peter Evans com especial apreço: “combinou um controlo instrumental absolutamente notável com uma consciência total de todo o espectro das novas músicas, e as portas abriram-se...”.

Residente em Nova Iorque desde 2003, Peter Evans está integrado não apenas na cena da música experimental, como também no mundo da chamada música erudita contemporânea, enquanto membro do Internacional Contemporary Ensemble e do ensemble Wet Ink. A sua ligação à música improvisada manifesta-se como veículo, simultaneamente, para a autodeterminação artística e para a improvisação colaborativa enquanto ferramenta de composição. Tem-se apresentado como líder do Peter Evans Ensemble e do quarteto Being & Becoming – com Joel Ross, Nick Jozwiak e Savannah Harris. É membro dos grupos colaborativos Pulverize the Sound (com Mike Pride e Tim Dahl) ou Rocket Science (com Evan Parker, Craig Taborn e Sam Pluta), e procura constantemente os contextos mais favoráveis para a experimentação. Como compositor, escreveu música encomendada por entidades como International Contemporary Ensemble, Yarn/Wire, Donaueschingen Musiktage, Emerging Artist Program da Jerome Foundation e Doris Duke Foundation. Apresenta-se nos grandes festivais mundiais e tem trabalhado com figuras centrais da nova música como John Zorn, Ingrid Laubrock, Jim Black, Weasel Walter, Ambrose Akinmusere, Matana Roberts, Tyshawn Sorey, Levy Lorenzo, Nate Wooley, Steve Schick, Mary Halvorson e Joe McPhee.

As noites agendadas com a OJM, na Casa da Música e na Culturgest, serão um mergulho nas múltiplas dimensões da música fascinante de Peter Evans, com lugar para os domínios mais experimentais, as estruturas de camadas sobrepostas e o primado da improvisação suportado por arranjos que se revelarão, inevitavelmente, como novos caminhos para a expressão desta orquestra. Cumprindo uma das citações preferidas de Peter Evans, por Cecil Taylor: “Improvisação é pensamento, alimentado pela paixão e condicionado pelo pensamento”.

Fernando Pires de Lima  
(Editor de programação da Casa da Música)

TROMPETE SOLISTA

Peter Evans

DIREÇÃO

Pedro Guedes

SAXOFONES

José Luís Rego

João Guimarães Ferreira

Mário Santos

José Pedro Coelho

Rui Teixeira

TROMPETES

Luís Macedo

Ricardo Formoso

Rogério Ribeiro

Javier Pereira

TROMBONES

Daniel Dias

Paulo Perfeito

Álvaro Pinto

Gonçalo Dias

SECÇÃO RÍTMICA

Hugo Raro (piano)

Demian Cabaud (contrabaixo)

Marcos Cavaleiro (bateria)

TÉCNICO DE SOM

Carlos Lopes

APOIO



ANTENA



Brevemente

---

# MOUSE ON MARS

Música x

## DIMENSIONAL PEOPLE

05 DEZ

QUA 21:00

Grande Auditório

M/6

---

# ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Música x

## SARAMAGO, NOBEL 1998: MEMORIAL

15 DEZ

SÁB 19:00

Grande Auditório

M/12

---

Culturgest